

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Raúl Ruiz – A Imagem Estilhaçada (Parte III)
19 de Setembro de 2024

MIOTTE VU PAR RAÚL RUIZ / 2001

um filme de Raúl Ruiz

Realização: Raúl Ruiz / Com: Jean Miotte / Imagem: James Callanan / Montagem: Martine Bouquin, Béatrice Clerico / Produção: Dorothea Keeser para Duende Pictures, França, 2001 / Direcção de Produção: Jordi Torrent / Cópia: em ficheiro (suporte original em 16mm), cor, falada em francês, legendada em inglês e electronicamente em português / Duração: 80 minutos / Primeira apresentação pública: Festival de Montréal, 2001

Duração total da projecção: 79 minutos.

“A minha pintura é uma projecção, uma sucessão de momentos agudos onde a criação ocorre no meio da tensão espiritual como resultado de conflitos internos. A pintura não é uma especulação da mente ou do espírito, é um gesto que vem de dentro.”

Jean Miotte

“Procuro a vida que está na pintura. Talvez lá esteja pela espontaneidade.”

Jean Miotte (dos diálogos do filme)

Miotte vu par Raúl Ruiz, no seu sentido mais literal, é um retrato do pintor Jean Miotte segundo a perspectiva de Ruiz. Para este retrato, o cineasta optou por centrar-se no processo criativo do pintor abstrato francês, acompanhando-o de perto ao longo de muito tempo, e dando primazia ao trabalho que este desenvolve no interior do seu atelier. Raramente saímos desse espaço fechado em que se desenrola o “frente-a-frente” do artista com as telas, que vemos a ganharem forma à nossa frente, não se tratando aqui de se revelar o “mistério” da sua pintura, mas de mostrar a sua evolução durante o acto de criação.

Descrito por Jonas Mekas como um dos melhores filmes sobre os desafios enfrentados por um pintor durante o processo criativo, **Miotte vu par Raúl Ruiz** oferece uma singular abordagem ao cruzamento entre o cinema e as artes plásticas. Segundo as próprias palavras de Mekas numa conversa com Daniel Rothbart em 2001: “Gosto do filme do Ruiz. Em primeiro lugar, gosto dele porque não diz sobre o que são os quadros de Jean Miotte. Pelo contrário, versa sobre processo de pintar, lutar, suar, cansar e lutar. É um dos melhores filmes que já vi que trata da luta e do trabalho árduo de fazer uma pintura.

Para mim é essa a essência deste filme.” (...). É isso que significa fazer uma obra de arte, lutar e lutar como um pugilista no ringue.” (in *New York Art Magazine*)

Nesse processo de árdua luta, ganha destaque o som da pesada respiração do pintor, captado por microfones que o acompanham de muito perto, como percebemos por uma perche que a dado momento entra no enquadramento. Ruiz foca-se no gesto da pintura, na luta entre o pintor e a sua tela no sentido de criar padrões de ritmo, de movimento e de cor. Documenta assim um trabalho que se afirma como uma arte de intensidades, e que se aproxima bastante do universo dos expressionistas abstractos, ou da action painting. Todos partilham uma ideia de coreografia e de movimento, procurando não reproduzir o real, mas captar o movimento e exprimir a interioridade de quem o executa.

Ruiz aborda aqui uma pintura a que subjaz um pensamento coreográfico, em que o movimento e a gestualidade têm um papel essencial. Como um bailarino, Miotte desenha movimentos no espaço, que depois de materializam na tinta com que pinta a superfície de telas de grandes dimensões. Profundamente influenciado pelos célebres ballets russos, a que pôde assistir na ópera de Londres no final dos anos quarenta, uma referência para toda uma geração, Miotte herda destes os motivos e ritmos simultaneamente fluidos e vigorosos, que se traduzem na sua pintura. Trata-se de uma gestualidade e de uma fluidez de movimento que se inscreve numa realidade bem concreta, e de um corpo, o do próprio artista.

Num texto publicado na revista *Rouge*, Miotte explica que foi o próprio Ruiz que lhe propôs fazer um filme sobre ele, algum tempo depois de se conhecerem e de ficarem amigos. Ruiz já havia antes convidado Miotte a participar no seu filme **Généalogies d'un crime** (1997), pedindo-lhe que alguma das suas pinturas pudessem figurar nas paredes do escritório da advogada representada por Catherine Deneuve, sendo **Miotte vu par Raúl Ruiz** a manifestação mais visível da sua proximidade. Como confessa Miotte: “Com as suas ideias surpreendentes e pouco convencionais, pede ao actor – neste caso, eu – que se supere, o que significa que, no final, ficamos felizes por ter trabalhado com ele.” Exemplo óbvio é o desafio para fazer uma pintura de uma ponta à outra com a câmara acoplada ao pincel.

Um excelente exemplo do engenho de Ruiz e da inventividade que está presente em filmes que não cessam de inovar e de questionar o papel e a posição do espectador, cujos resultados são surpreendentes. Por outro lado, o recurso a transparências e a superfícies espelhadas, comum a tantos filmes do cineasta, é aqui bem evidente no modo como Ruiz filma a pintura de Miotte, colocando-se muitas vezes atrás de uma “tela” transparente, que gradualmente é preenchida pelas manchas de tinta. É aqui que o cinema e a pintura melhor se encontram como artes do movimento e da metamorfose incessante.

Joana Ascensão